

# Entre o ódio e a liberdade: lições de Kropotkin

*Denis Castilho*

da Universidade Federal de Goiás – Goiânia – Brasil  
deniscastilho@hotmail.com

---

**Resumo:** A construção histórica do ódio, especialmente nas sociedades modernas, guarda forte relação com as estratégias de dominação e de difusão dos nacionalismos. Estes, por sua vez, têm-se constituído como importantes meios de manipulação social e de sustentação dos interesses políticos, econômicos e culturais dos Estados modernos. Em vista disso, é necessário verificar até que ponto o culto ao ódio nutrido pelo nacionalismo tange relações sociais e pauta injúrias contra migrantes, refugiados, lugares e culturas, bem como investigar quais são as grandes fontes de opressão, como são tramadas e para onde nos conduzem. É necessário verificar, ademais, se é possível construir práticas que ajudem a desarticular estratégias de controle e de manipulação. Este texto analisa estas questões à luz do pensamento de Piotr Kropotkin, importante geógrafo e anarcocomunista russo que muito alertou sobre os riscos do nacionalismo e viu, na livre-iniciativa e na solidariedade, importantes meios para superar relações pautadas pela insígnia do ódio e do autoritarismo. Seus ensinamentos, apesar de ter sido escritos no final do século XIX e início do século XX, são muito atuais e necessários. Mostram que a liberdade é um exercício político de protagonismo, de responsabilidade e de alteridade – uma prática que fundamenta a ação e ajuda a desarmar as tramas da tirania. Ser livre, portanto, também significa agir e reconhecer na liberdade do outro e no livre-acordo a composição de força, de resistência e de devir.

**Palavras-chave:** Nacionalismo. Cultura do ódio. Livre-iniciativa. Liberdade.

---

## Introdução

Em agosto de 2018, moradores de Pacaraima, município localizado na fronteira do Brasil com a Venezuela, revoltaram-se e expulsaram venezuelanos da cidade. Um vídeo bastante compartilhado nas redes sociais mostra centenas de pessoas caminhando às pressas, enfileiradas, em direção à fronteira. Eram centenas de venezuelanos deixando a pé aquela localidade, dentre eles mulheres com crianças nos braços, muitos sem seus pertences que foram queimados ou deixados para trás. Enquanto os retirantes atravessavam a fronteira sob a vigilância de policiais, perto dali uma aglomeração de brasileiros cantava eufórica o Hino Nacional; outros gritavam, xingavam e proferiam palavras de ordem para espantar os vizinhos que se refugiavam no Brasil.

Uma cena do vídeo chamou-me a atenção. Um casal e uma criança, de mãos dadas, aparecem na fila que se movia depressa em direção à fronteira. A imagem, que não sai de minha memória, é a de uma criança assustada, com passos fortes e sem saber exatamente o que se passava ali. As lágrimas, dela ou de seus pais, tornam a cena mais lenta, chocam, entristecem, silenciam. Mas os gritos daqueles que se aglomeraram ao lado não cessam, ecoam, causam dor, interrompem o vídeo antes mesmo de seu final.

Até que ponto chega o culto ao ódio? De onde ele surge? Qual ou quais são as grandes fontes de opressão e para onde nos conduzem? A imagem despertada pelo vídeo, apesar de suscitar questões mais específicas – como o suposto episódio que desencadeou a revolta de alguns pacaraimenses ou a falta de alteridade daqueles que gritavam fervorosamente contra os retirantes –, deve ser pensada à luz de uma análise mais ampla. Ao ver o vídeo, pude entender o que tanto advertiu Kropotkin (2014) a respeito dos riscos do nacionalismo, da cegueira e da direção autodestrutiva que a heteronomia pode nos levar.

Este texto é uma reflexão sobre alguns ensinamentos de Kropotkin que podem ajudar a ampliar o discernimento e enfrentamento de episódios pautados pela insígnia do ódio e que se originam de sentimentos e/ou práticas como o nacionalismo. Piotr Kropotkin foi um importante geógrafo russo e um dos principais nomes do anarcocomunismo. Nasceu em uma família nobre e ingressou aos 12 anos de idade no Corpo de Pajens, seleta academia russa de São Petersburgo. Também foi nessa academia que se graduou, tendo sido, inclusive, pajem do então czar Alexandre II. Essa experiência permitiu-lhe testemunhar o modo como funciona a vida na corte, a perversidade, a ganância, as tramas e as manipulações do poder que ele tanto desprezava.

Depois de graduado, Kropotkin foi incumbido de liderar um grupo de pesquisadores na Sibéria, com a tarefa de cartografar a região do rio Amur, ainda pouco conhecida por parte do governo russo (PAULA, 2019). A experiência adquirida na missão militar ajudou Kropotkin a entender as amarras da burocracia, vários tipos de injustiças vindas do Estado e o modo como as instituições e a corrupção deterioravam as relações humanas.

Mas as valiosas descobertas científicas, que lhe renderam reconhecimento e medalha de ouro da Sociedade Geográfica Russa – além de convite para coordenar a área de Geografia Física da entidade –, influenciaram Kropotkin a deixar a carreira militar e optar por um caminho diferente. Na Sibéria também realizou ricas observações do modo de vida dos camponeses e caçadores e presenciou formas diretas de cooperação e de livre-iniciativa (KROPOTKIN, 2005). Isso abriu uma nova perspectiva política ao geógrafo, que passou a ver o Estado como fonte de opressão e principal obstáculo da livre-organização e da construção de uma nova sociedade.

O estudo cuidadoso de obras libertárias marcou profundamente o percurso de Kropotkin, que perscrutou, aprendeu e ampliou a corrente anarquista, mas também fez críticas, recuou de algumas tendências e ajudou a fundamentar outras. Como bem sintetiza Souza (2017, p. 146), depois de muita leitura e militância, “Kropotkin se afastou do coletivismo bakuniano por uma via que, de certo modo, reatualiza a preocupação proudhoniana com a superação simultânea do capitalismo”. Afastou-se também de um comunismo de tipo autoritário, o que resultou em uma proposta conhecida como comunismo libertário ou anarcocomunismo.

Na contramão das tendências educacionais do período, com pleno afã de nacionalismos, Kropotkin defendeu uma Geografia que superasse as fronteiras, as indiferenças e o ódio originados em práticas nacionalistas. Viu na livre-iniciativa, na solidariedade, no apoio mútuo e no que podemos chamar de “pedagogia da alteridade” estratégias importantes para superar a insígnia do ódio e alcançar o caminho da liberdade. Seus ensinamentos, apesar de ter sido escritos no final do século XIX e início do século XX, são muito atuais e necessários. Atuais porque os sistemas opressivos, ao contrário do que o léxico e a tradição institucional nos levam a crer, foram ampliados e aperfeiçoados, lembrando muito o que escreveu Huxley (1979) em *Admirável mundo novo*, romance publicado pela primeira vez em 1939. Necessários porque a bifurcação da história torna-se ainda mais tênue, evidenciando a insustentabilidade a que o mundo competitivo e o autoritarismo das classes dominantes podem nos levar, sendo o nacionalismo um dos sintomas cruéis que tange práticas imperiosas e uma cultura do ódio.

### **A fronteira e o jugo estão ao lado**

Apesar de seu otimismo e entusiasmo com a construção de uma sociedade baseada no livre acordo, Kropotkin (2000) não deixou de pontuar alertas sobre o caminho destrutivo que os mecanismos de controle, tramados especialmente para coibir a livre iniciativa, podem nos levar. Tempos depois, esses alertas, especialmente narrativas como as de Huxley (1979), agora deparam-se com prelúdios daquilo que anteviram. O militarismo ramificou-se, adentrando fortemente as redes de ensino e encontrando ecos no fundamentalismo religioso. As prisões, chamadas por Kropotkin (2001) de verdadeiras universidades do crime, multiplicaram-se e compõem, mais do que nunca, pontos estratégicos de uma complicada trama articulada a redes como a do narcotráfico e da própria política partidária. Mas o imbróglio vai além.

A herança e o peso de sistemas extremos e totalitários, com o aperfeiçoamento das táticas de vigilância e de intimidação, levaram a coerção à eficiência extrema. Trata-se da condição em que parte da população, cega e dopada, passa a aceitar e venerar sua própria

servidão. Um estado totalitário verdadeiramente eficiente, diz Huxley (1979, p. 6), “seria aquele em que chefes políticos e seu exército de administradores controlassem uma população de escravos que não tivessem de ser coagidos porque amariam sua servidão”.

A dominação e a opressão também alcançam patamares absurdos quando contam com a dissipação da vigilância entre os próprios sujeitos oprimidos. É a fronteira que se pratica no seio da própria família, que surge da desconfiança e vigilância do vizinho. É a fronteira que está ao lado. É o patrulhamento praticado pelo colega de trabalho e pelas mesmas pessoas que sofrem ou experimentam aquilo que leva alguém a se insurgir.

Este é o veneno da manipulação que desemboca na multiplicação do ódio. É um artifício fundamental do Estado, aquele que Kropotkin (2000, p. 8) diz ser “a fórmula histórica elaborada para impedir o florescimento da sociedade norteada pelos princípios da igualdade e da liberdade”. É por isso que o nacionalismo e/ou patriotismo é tão cultivado pelas principais instituições do Estado. Nas escolas, por exemplo, o “amor à pátria” não se traduz apenas no culto ao hino e à bandeira nacionais, bastando observar o próprio currículo das redes de ensino.

Salvo exceções em que há um trabalho sério e muito importante de integração de filhos de migrantes à rotina escolar, muitas secretarias de Educação geralmente encontram resistências até mesmo por parte de professores. Os estereótipos são recorrentes e tendem a reforçar o preconceito e até a perseguição a estudantes filhos de migrantes. O tema da escola e das práticas de ensino merece especial atenção e por isso será discutido em mais detalhe adiante. Apesar de sua complexidade e de todas as suas limitações, a escola também é um lugar do possível – mesmo que carregue contradições que decorrem de sua amarra institucional.

Fato é que a ideologia nacionalista, a despeito de toda justificativa em torno de uma certa romantização e até sacralização do que se considera amor à pátria, inevitavelmente alimenta, em circunstâncias extremas, o ódio e um sentimento programado. A nacionalidade ou condição nacional – assim como o nacionalismo, conforme defende Anderson (2008) – tornou-se um produto cultural específico que alimenta a ascensão de um sentimento nacional. É por isso que o nacionalismo constitui uma importante manifestação ideológica da modernidade (CASTILHO, 2017). Em estudo sobre o desenvolvimento do nacionalismo na Europa Ocidental, Llobera (2000) nos ajuda a compreender o modo como esse princípio embasa a modernidade ou, em outras palavras, serve como sustentação dos interesses político-econômicos dos Estados modernos.

Mas o nacionalismo também reverbera em pequenas escalas, como no trabalho, nas escolas, nas cidades, nas fronteiras etc. Não é difícil encontrar pessoas simples, trabalhadores explorados, moradores de um bairro segregado de determinada cidade defendendo com fervor as instituições ou alguma empresa da mesma cidade ou do país. Os grupos corporativos

ganham muito com isso, na medida em que, ao terem acesso privilegiado a financiamentos e se apropriarem de ativos públicos, muitas vezes não encontram resistência nem questionamento. Ter a opinião pública a seu favor abre caminho para a construção da hegemonia por parte desses grupos.

Guardadas as proporções e a complexidade das situações, os líderes partidários, o Executivo e sua legião de gestores, na condição de interlocutores dos interesses corporativos, também se beneficiam do nacionalismo. Nesse jogo de cartas marcadas, a trama é orquestrada e imposta. Eis que não se trata aqui de questionar a valorização e/ou a identificação dos povos para com a diversidade sociocultural de uma cidade, região ou país, muitas vezes utilizada como artifício de convencimento, mas sem ser de fato valorizada pelos Estados nacionais. Estes, em essência, cumprem o papel perverso de privar e segregar significativa parcela de pessoas que compõem essa diversidade, enquanto enviesa e beneficia outros grupos.

O acesso, o benefício e o privilégio ficam restritos a alguns grupos. O patriotismo, por sua vez, é um instrumento poderoso de naturalização desse jogo desigual. Além de forçar a aceitação dessa desigualdade e dos processos que vivificam a modernização, ele retroalimenta uma consciência que a defende com fervor, bem como a tudo que lhe dê sustentação: o Estado, o governo, os partidos, as instituições, a Igreja, as corporações etc. Resulta disso uma amplificação rápida e fácil do ódio e da indiferença em relação ao outro. Outro no sentido amplo: outra cultura, outra religião, outra língua, outra classe, outra raça, outro gênero, outro lugar, outra cidade, outro país. Existe o que podemos chamar de “produção do outro” como marcador da diferença em relação ao que é tido como normal e aceitável. O outro, nesse caso, passa a ser o forasteiro, aquele que representa algum grau de ameaça e que, por isso, é concebido com indiferença e precisa ser expulso ou até eliminado em nome da unidade dos “bons”. A diferença e a pluralidade deixam de representar a riqueza do mundo e passa a simbolizar a ameaça a um Estado que coage e oprime tudo o que caminha na direção da autonomia.

### **De volta ao caso**

Os cidadãos que o Estado cultua, portanto, são aqueles que vigiam, punem e, ao mesmo tempo, amam sua servidão. O mesmo migrante brasileiro que sofreu todo tipo de restrições e de preconceitos na Europa ou nos Estados Unidos, por exemplo, que sentiu na pele o peso e a dor da indiferença e do estereótipo, é aquele que muitas vezes reproduz o mesmo preconceito com migrantes vindos do Haiti, da Venezuela ou da Bolívia para o Brasil. Tenta-se justificar a indiferença em relação ao migrante pobre, negro ou indígena afirmando que este

“veio tomar o emprego” ou “inflar ainda mais os serviços públicos”, mas tais justificativas escondem o ódio ao outro, um ódio que resulta também da herança sórdida do trabalho realizado pelas instituições e que faz dos Estados verdadeiros redutos de discriminação.

O Estado está muito presente no vídeo relatado anteriormente. Primeiro, como ausência e opressão: no caso venezuelano, a crise político-econômica, como fruto da simbiose conflituosa envolvendo interesses e intervenções imperialistas, de um lado, e a insistência autoritária de perpetuação do poder, de outro, tem induzido uma verdadeira diáspora. No caso brasileiro, muitos moradores de Pacaraima relatam a omissão estatal. Em reportagem publicada pelo *site* de notícias G1 (2019), um morador clama por mais estrutura e oferta de serviços como segurança, saúde e educação, e alega que “estão jogando o fardo da responsabilidade disso na população”, o que justifica sua revolta.

Em 2018, dois dias após o evento em que centenas de refugiados foram expulsos, também foi realizada uma “carreata da paz”. Foram poucos os participantes, um dos quais alegou que a crise na cidade “vinha se agravando e clamava por uma resposta do Estado há muito tempo [...] ‘Precisou acontecer tudo isso para alguém vir aqui e ver a situação que estamos passando’” (CARNEIRO, 2018).

É inegável a complexidade e gravidade que envolvem a questão, seja no que diz respeito à vulnerabilidade e à situação dramática dos refugiados, seja na ausência e/ou insuficiência de serviços básicos e de acolhimento que termina por alimentar a revolta de moradores. A grande maioria dos migrantes que atravessam a fronteira, uma média de seiscentos por dia, não permanece na cidade. Segundo informações do governo municipal, 1,5 mil migrantes viviam de forma permanente em Pacaraima em maio de 2019 (WETERMAN, 2019). Conforme estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019a), Pacaraima tinha pouco mais de 12 mil habitantes em 2017 e saltou para mais de 17 mil dois anos depois.

Entre 2015 e maio de 2019, segundo dados do Unicef Brasil ([2019]), foram registradas mais de 178 mil solicitações de venezuelanos para refúgio e residência temporária. A maioria entra pela fronteira com Roraima, e estima-se que 32 mil venezuelanos estejam vivendo em Boa Vista. Apenas 9% conseguem emprego formal no Brasil (COSTA, 2019). A situação de vulnerabilidade e abandono afeta muitos dos refugiados, não apenas nos abrigos. Na capital roraimense, por exemplo, cerca de 1,5 mil venezuelanos estão em condição de rua (UNICEF BRASIL, [2019]). A exploração do trabalho é ainda maior, tanto nos grandes centros quanto nas cidades menores. Um dia inteiro de serviço geralmente é pago a R\$ 15,00, valor muito inferior àquele praticado na cidade. Há migrantes que relatam sair todos os dias

catando comida do lixo, por isso não têm alternativa quando lhes aparece algum trabalho por R\$ 10,00 ou R\$ 15,00 (COSTA, 2019).

Entre os refugiados, há muitas crianças, grávidas e idosos. Muitos estão desnutridos, alguns até com doenças graves como tuberculose e pneumonia. Não bastasse essa situação precária, quando há qualquer boato ou notícia de furto, roubo ou crime, a infração tende a ser atribuída aos venezuelanos antes mesmo de qualquer apuração e/ou comprovação dos fatos, o que aumenta o preconceito, a desconfiança e o risco de violência e hostilidade contra o grupo de refugiados como um todo. É por isso que as suposições e falsas notícias tendem a gerar tumultos e revoltas.

Foi o que aconteceu em agosto de 2018, depois que um comerciante local teria sido assaltado supostamente por quatro venezuelanos. A notícia logo provocou a revolta de moradores, que se organizaram e realizaram ataques aos acampamentos, queimaram objetos pessoais dos migrantes e os expulsaram da cidade. Desesperados, os refugiados foram forçados a fugir a pé em direção à fronteira, desencadeando a cena narrada no início deste texto.

Revoltar-se com um assalto ou ato antissocial de fato acomete diferentes grupos. Contudo, tivesse a notícia apontado outros prováveis culpados, tal revolta não teria acontecido. Por isso, há um conjunto de fatores que inflamam a eclosão fácil de cenas como estas. O ódio logo aflorado a partir da padronização do outro por estereótipos revela a força dos aparelhos que retroalimentam as consciências tirânicas a ponto de idosos e crianças serem atacados, perseguidos e punidos. Como assevera Kropotkin (2011), o ódio é um artifício de divisão das sociedades, por isso circula até mesmo entre pessoas da mesma classe social.

Aquela criança do vídeo supracitado provavelmente perguntou aos pais por que estavam caminhando às pressas e sendo expulsos como animais. Há o choro que surge do pânico, da truculência e da agressão, mas também o choro da humilhação, que surge da desumanidade e do desrespeito profundo à dignidade de um pai e de uma mãe. Aquele casal e aquela criança, além de idosos e grávidas, mesmo estando em condições precárias, sem um teto, enfrentando fome, miséria e vulnerabilidade, ainda experimentaram a hostilidade enquanto seus agressores cantavam o Hino Nacional e gritavam, alguns, o nome de Deus. Essa cena silenciosa, atinge em cheio a alma daqueles que sonham e lutam por um mundo diferente.

Muitos, na esteira de doutrinas autocentradas, tendem a perguntar: “Como podem homens sem Deus serem bons?” Saramago, sensível à interrogação, responde com outra pergunta: “Como podem homens com Deus serem tão maus?”. O nacionalismo também se nutre do fundamentalismo religioso. Quando se fundem, guerras são travadas com bandeiras sacrossantas. Povos indígenas de várias regiões do mundo foram dizimados, em diversas ocasiões, tendo a causa religiosa como condão. Somam-se a isso o racismo, a xenofobia e o

estereótipo ao estrangeiro, elementos que estão na base da prática nacionalista, gestando e nutrindo a sua difusão.

Travestido de narrativas e causas sedutoras, o nacionalismo também visa construir um sentimento de unidade, de amor à pátria – “o meu país”. Contudo, esse sentimento, em essência, é ilusório porque direciona o explorado a defender a causa daqueles que dominam, não as suas. Como alimentar um sentimento de unidade em uma sociedade profundamente desigual? Como verbalizar a posse de um país se a maioria dos seus bens, recursos, serviços e infraestrutura são restritos a uma pequena parcela da população? Que unidade é essa em uma sociedade de privilégios e de restrições? Que pátria mãe é essa, onde o rendimento médio mensal da população 1% mais rica é 34 vezes maior que o da metade mais pobre (IBGE, 2019b)? Onde está a unidade desse país se em muitos municípios, especialmente da Região Norte, não há, de acordo com o Censo da Educação Básica (INEP, 2019), sequer bibliotecas ou salas de leitura em 80% de suas escolas?

Não há recursos para creches nem apoio para crianças pobres, mas os há para parlamentares, bancos e corporações. O mesmo Estado que abandona idosos e sucateia escolas é aquele que financia concessões bilionárias, socorre bancos e aprova medidas que geram lucros astronômicos. Enquanto metade dos brasileiros vive, conforme pesquisa do IBGE (2019b), com apenas R\$ 413,00 por mês e mais de dez milhões com míseros R\$ 51,00 por mês, o lucro dos quatro maiores bancos do país somou o maior número já registrado, alcançando R\$ 20,4 bilhões, o que representa aumento de 21,3% em 2019 (ECONOMATICA, 2019).

Em tempos de guerra acontece algo pior. O conflito, que também é de narrativas, é tecido por mentiras, engodos e por um conjunto de estratégias que camuflam os verdadeiros interesses daqueles que o produzem. Como dito por Eduardo Galeano (2017, tradução nossa) nenhuma guerra tem a honestidade de confessar que mata para roubar. As guerras, diz ele, “sempre invocam nobres motivos, matam em nome da paz, de Deus, do progresso, da democracia. E se tanta mentira os alcançam, entram em cena os grandes meios de comunicação dispostos a inventar inimigos imaginários e justificar a conversão do mundo em um grande manicômio”.

As guerras e revoltas contra estrangeiros e refugiados, o ataque de bombas milionárias a pobres de várias partes do mundo carregam o signo dos interesses espúrios e da dissimulação dos governos que assistem a tudo de suas poltronas confortáveis. A pátria, por todos esses fatores, é mãe para os bancos, as classes dominantes e os grupos corporativos. Quanto à multidão de órfãos, ela é sentinela, controle, bomba, opressão. É por isso que a frase de Bertold Brecht é precisa: “o nacionalismo dos de cima serve aos de cima. O nacionalismo

dos de baixo serve também os de cima. O nacionalismo, quando assumido pelos pobres, não melhora: é um absurdo total”.

### **Potencializando a livre-iniciativa**

Enquanto há um nacionalismo que retroalimenta o ódio para com as diferenças e o estrangeiro; enquanto há artifícios poderosos que camuflam interesses de domínio e de poder, há, por outro lado, a livre-iniciativa, na maioria dos casos voluntária, de apoio a refugiados. Há diversas associações que ajudam, que levam alimentos, medicamentos e afeto. A imensa maioria não é divulgada, não sai nas capas de jornais como as ações que se autointitulam ou são chamadas pelos meios de comunicação de “ajuda humanitária”. Essas formas de “apoio” do Estado, apesar de pontuais, covardes e distantes – muitas são realizadas por meio de aviões que jogam pacotes de enlatados com bandeiras estampadas, são vendidas como socorro e/ou compaixão. Mais uma vez, trata-se de uma etapa do jogo de mentiras que envolve a trama dos governos, repetidamente dissimulada e capciosa.

Não fosse o trabalho voluntário e o apoio de moradores, associações e organizações, ou a própria capacidade de auto-organização dos abrigos, a situação estaria ainda pior. Em uma ocupação do antigo prédio da Secretaria de Educação de Roraima, há muitas crianças, deficientes, idosos e grávidas, como relata Costa (2019). Segundo a autora, na maioria das ocupações, filhos de venezuelanos nascidos no Brasil vivem como refugiados em sua própria terra natal.

Diante disso, dezenas de voluntários visitam diariamente os abrigos de Boa Vista. Nas visitas, ensinam a língua portuguesa, levam alimento e ajudam na limpeza. Há associações que, além de fornecer comida e roupa, realizam atividades culturais e partilham conhecimento. Os venezuelanos dividem-se entre barracas de *camping*, barracos improvisados e escombros (COSTA, 2019).

Dentre os migrantes há muitos índios da etnia Warao. Placas informam regras de convivência para índios e não índios do Ka’ubanoko, como foi batizado um dos abrigos. Nele, um grupo criou uma coordenação geral, por meio da qual coordenam-se tarefas de segurança, limpeza e distribuição das doações. Como o espaço é um prédio abandonado, a coordenação também luta por seu reconhecimento como abrigo, de modo a evitar que os refugiados sejam despejados pelo Estado (COSTA, 2019).

Em um teatro abandonado, no centro de Boa Vista, há uma ocupação que conta com uma horta. A intenção de quem cuida da produção é dividir os alimentos com os companheiros da ocupação. Somado aos esforços da auto-organização, o apoio voluntário de pessoas da cidade

e de outras regiões do país tem sido fundamental. Em muitas barracas, os únicos utensílios foram doados por voluntários ou encontrados no lixo. Há centenas de refugiados que chegaram a Roraima sem qualquer objeto, salvo as próprias roupas do corpo.

A despeito da pressão de autoridades e das críticas daqueles que são contra a presença dos refugiados, os voluntários prestam serviços, levam remédios e apoio. A solidariedade, apesar de qualquer contradição que envolva a ação dessas organizações e do oportunismo de instituições, é o que tem garantido a vida de centenas de pessoas. Como é bonito e pulsante observar o relato daqueles que experimentam o apoio a esses grupos. Enquanto representantes do Estado tramam desocupações, enquanto patriotas gritam para que “essa gente imunda” volte para seu país, sem ter a clareza do que se passa, aqueles que se aproximam com seu voluntarismo sensibilizam-se com a experiência e, na maioria dos casos, passam a entender, por meio da dor do outro, das trocas e do diálogo, a real dimensão e complexidade que envolvem a situação dos refugiados.

Kropotkin (2011, p. 33) observa que, enquanto o Estado não atira a sua espada e balança, organizações baseadas no princípio “a cada um conforme as suas necessidades [...] surgem sob diversos aspectos, porque sem uma certa dose de comunismo, as sociedades atuais não poderiam viver”. A dose de que fala Kropotkin revela-se a cada instante e penetra nas relações sob todas as formas, “mesmo que haja um tom estreitamente egoísta dado aos espíritos pela produção mercantil” (p. 33).

Cita o papel atuante de sociedades como a Cruz Vermelha, que se organizavam livremente em milhares de localidades e em diversas ocasiões. Em guerras como a Franco-Prussiana (1870-1871), homens e mulheres ofereceram seus serviços e levaram ambulâncias, roupas e medicamentos para os feridos. Comitês enviaram comboios de alimento, roupa, utensílios e grãos, além de arados e ajuda para recuperar lavouras e áreas devastadas. Organizações como a Cruz Vermelha ocuparam postos perigosos. “Enquanto médicos pagos pelo Estado fugiam com o seu estado-maior à aproximação dos prussianos, os voluntários da Cruz Vermelha continuavam sua tarefa debaixo de balas, suportando a brutalidade dos oficiais bismarkistas e napoleônicos”, prestando seu apoio a pessoas de todas as nacionalidades envolvidas (KROPOTKIN, 2011, p, 96).

Eis uma organização que, segundo o geógrafo russo, nasceu e cresceu em função da iniciativa espontânea de pessoas de coração. Kropotkin, contudo, não deixa de reconhecer que os Estados puseram a mão para apoderar-se dessa organização, interferindo em seus comitês com o oportunismo de sempre. Mas foram e são os “numerosos comitês locais de cada região, a atividade dos indivíduos, a dedicação de todos os que buscam aliviar as vítimas da guerra” (p. 96) que dão vida a esta imensa organização.

Tantos esforços postos a serviço de uma causa tão má, entende Kropotkin. Também questiona, como o filo do poeta: “para que as ferem, se as curam depois?” (2011, p. 96). Queria o grande geógrafo ver os voluntários da Cruz Vermelha somando esforços para suprimir as guerras atacando pela raiz: corroendo e demolindo a hipocrisia e o poder das classes que comandam e instrumentalizam os Estados e as forças armadas. Mas é profundamente necessário “mencionar esta imensa organização como prova a mais do livre entendimento e da livre assistência” (KROPOTKIN, 2011, p. 96).

Reconhecer as contradições e os limites dessas experiências, incluindo o caso dos voluntários que prestam apoio aos refugiados, é trivial. Mas também é prudente e fundamental identificar o potencial e os prelúdios que carregam. É necessário ter a clarividência das organizações que surgem espontaneamente e que constroem formas de organização por meio da livre-iniciativa e do livre-acordo. Identificar esse potencial requer o enfrentamento da força acumulada e programada das instituições e de seus mecanismos de coerção, bem como o modo irresponsável pelo qual o dito campo progressista tem flertado com o poder. No primeiro caso, essa força, que está ligada à hegemonia opressora do Estado e de suas instituições, reverbera na mente, no corpo e no comportamento. No segundo, a esquerda corre o risco de substituir a luta de classe pela luta do poder – a luta das demandas populares pela luta nacionalista.

### **Transpondo barreiras**

Desde a tenra idade, gerações e mais gerações vêm sendo formadas sob o prisma da autoridade e da competição. Décadas sendo formados a partir deste prisma cria desafios complexos e exige enfrentamentos em várias frentes, inclusive no que se refere àqueles que consideram ingênuo visualizar potencial em ações de livre-iniciativa, as quais, apesar de pontuais, germinam alternativas e devir.

As instituições têm cumprido papel fundamental nesse processo, e, não raro, projetos autoritários e mecanismos de intimidação são tramados e difundidos. Com a escola não é diferente, bastando citar projetos (e movimentos) como o Escola Sem Partido (ESP).<sup>1</sup> Se a escola constitui, há tempos, um instrumento de controle e de poder do Estado, esses projetos retroalimentam a prática da perseguição, da vigilância ao trabalho docente, do patriotismo

---

<sup>1</sup> Conforme discutido em estudo anterior (CASTILHO, 2019), projetos como o ESP evidenciam uma tendência de adensamento do prisma autoritário e de interesses que visam apropriar-se e espoliar a rede pública de ensino no Brasil. Longe de realmente almejar uma escola apartidária, os idealizadores e apoiadores desse projeto não só defendem uma tendência formativa unilateral, como também incentivam a intimidação, opõem-se à pluralidade de ideias e ainda cultivam o ódio como mecanismo de ação.

(contra o outro), do ódio, e, portanto, conjugam muito dos fatores que desencadeiam episódios como o de Pacaraima.

A escola é também uma instituição que comunga com o patriotismo. Entretanto, é fundamental considerar os esforços de muitos professores em transpor essa característica em nome da pluralidade e da valorização de um processo formativo baseado na autonomia e na pedagogia da alteridade. Transpor as heranças e imposições de instituições como essa demanda um trabalho amplo e complexo e não pode alimentar um jogo revanchista pautado nos mesmos recursos dos autoritários. É possível, com isso, fazer da escola (e da ciência) um espaço de expressão da arte, da livre-iniciativa e onde se constroem práticas antiautoritárias, como bem defende Cirqueira (2018).

Ódio e coerção são instrumentos de imposição e controle, por isso estão na origem das ações daqueles que imperam e na base das classes que dominam. A resposta mais eficiente, que atinge a alma dos autoritários e corrói seus projetos coercitivos, é o trabalho em torno de valores superiores como a solidariedade e a cooperação mútua. Isso vale para o trabalho docente. No lugar de competição e intimidação, cooperação e autonomia. No lugar de oportunismo e obrigação, protagonismo e livre-iniciativa. À medida que estudantes se colocam, participam e pautam suas demandas; à medida que se reúnem, dialogam e constroem ações baseadas no livre-acordo e no compromisso com o conhecimento, a ira e a autopunição dão lugar ao entusiasmo.

É necessário discernir que a escola, mesmo antes de projetos autoritários como o ESP, é carregada de um mal que reflete o tipo de sociedade em que está inserida. Como bem pondera Kropotkin (2011, p. 24), a educação tem sido um privilégio: “Pode-se falar em educação, quando o filho do operário é obrigado a descer à mina aos 13 anos e ajudar seu pai na fazenda? [...] As sociedades dividem-se em dois campos contrários e, nestas condições, a liberdade torna-se uma palavra vã”. De nada adianta superar pontualmente um projeto autoritário se o monopólio da educação se mantém. Do mesmo modo que o debate sobre situações extremas de rebeliões, guerras e ataques pautados pelo ódio nos leva a discutir processos formativos, o debate sobre a educação também demanda uma compreensão mais ampla. Por isso é fundamental pautar uma educação que desconstrua os artifícios que encobrem as ações nacionalistas e convergem aos interesses de quem domina.

O livre-entendimento e a livre-organização, nas palavras de Kropotkin (2011), corroem e têm o poder de desmoronar as bases que dão sustentação à máquina custosa e nociva dos governos representativos. No que tange ao nacionalismo, em um belo texto intitulado “O que a Geografia deveria ser”, Kropotkin (2014) discorre sobre uma característica importante que deve ser introduzida em nossas escolas: trata-se do intercâmbio, por meio de

correspondências, de temas geográficos e coleções de ciências naturais. Com isso, cita iniciativas como a Agassiz Association, uma sociedade fundada em 1875 que promoveu a associação de escolas nos Estados Unidos e contou com mais de sete mil membros e seiscentas sessões. Essa iniciativa é elogiada por Kropotkin por possibilitar a crianças a pesquisa de campo, o levantamento de dados, amostras e sua análise, com a ajuda de colegas e professores. Os resultados, contudo, não ficam guardados para elas. Escrevem a outras unidades atendidas pela associação, enviam ideias, observações e até exemplares de minerais e plantas a outras escolas. Da mesma forma que enviam, recebem. O ato de pesquisar, ir a campo e escrever sobre paisagens da própria região, estabelecendo um intercâmbio, além de promover o espírito científico mais profundo, constrói pontes e laços de amizade entre estudantes de diferentes regiões e países.

Com o tempo, à medida que a associação foi ampliando suas atividades, especialistas, professores e naturalistas ofereciam seus serviços voluntários para ajudar os jovens em suas pesquisas e classificações. Não é demais reforçar, diz Kropotkin (2014, p. 63), “que há muita boa vontade entre os que têm conhecimento sobre algo, só faz falta o espírito de iniciativa para utilizar seus serviços”. Os benefícios de iniciativas como essa são indiscutíveis: “A grandeza da ideia de estabelecer uma conexão viva é muito evidente. Todo mundo sabe que basta ter um amigo em um país estrangeiro – seja em Moscou ou em Java – para começar a se interessar por seu país” (p. 63). Conclui o autor: “[...] faça com que as crianças inglesas troquem continuamente correspondências, coleções e ideias com as crianças russas e poderá estar seguro de que, depois de algum tempo, nem ingleses nem russos empunharão tão rapidamente as armas para resolver problemas” (p. 63).

Outro exemplo é o projeto “Conectando mundos”. Trata-se de uma proposta educacional telemática, organizada pela Oxfam Intermón, que combina atividades em sala de aula e trabalhos cooperativos entre estudantes de 3 a 17 anos de diferentes realidades culturais, econômicas e sociais; centros de vários países do mundo participam do projeto. O intercâmbio de atividades entre as escolas tem sido instrumento para abordar valores humanos superiores, como a cooperação e a construção de laços entre estudantes de diferentes países.<sup>2</sup> As atividades dizem respeito a temas da atualidade, e os centros educativos abrem-se para tratar de problemas reais. Com isso, os estudantes tomam consciência das causas dos problemas, analisam em profundidade e propõem soluções individuais e coletivas do ponto de vista político, econômico e social, além de prestarem serviços cooperativos.

---

<sup>2</sup> Mais informações sobre este projeto estão disponíveis em: <<https://www.conectandomundos.org>> (Acesso em: 5 dez. 2019).

Apesar das dificuldades e da resistência de alguns professores, o trabalho promove a interação e integração de crianças e jovens de diferentes países. A construção coletiva do intercâmbio aproxima pessoas e promove conhecimento e convivência. A multiplicação de iniciativas como esta e de projetos de educação popular (muito presentes em países latino-americanos) é uma arma poderosa para enfrentar a xenofobia, o preconceito e diversas tendências que desembocam no extremismo.

Muitos, não apenas de segmentos da direita, mas também encampados pela visão anacrônica do que Tragtenberg (1986) chama de esquerdas tradicionais, tachariam de ingênuas tais estratégias, mas esquecem que a opção por projetos autoritários tem apenas aprofundado as fronteiras e o desencontro entre as pautas progressistas. A obsessão dessa esquerda (partidária) tradicional pelo poder, nesse sentido, guarda uma profunda contradição porque se alimenta das bases para alcançar o populismo, mas negocia com totalitários para se manter no poder e dele se servir.<sup>3</sup>

Como pontua Tragtenberg (1986), não são necessariamente as reivindicações que definem o caráter revolucionário das lutas, mas a associação livre e horizontal dos trabalhadores, os quais não lutam por um partido ou por uma vanguarda – lutam por suas demandas. Além disso, “há um arremedo de luta que, na realidade, é manipulação de minorias vanguardistas” (1986, p. 2).

A conquista de uma forma de organização com participação direta – uma democracia radical – termina por ser a matriz de novas relações sociais, pois elimina intermediários como os políticos profissionais (TRAGTENBERG, 1986). Criam-se, assim, conclui Tragtenberg, condições de eliminação do que oprime, mas que, com o pretexto de defender e manter a ordem social, na verdade oprime.

Por isso, o protagonismo, a livre-iniciativa e a auto-organização, além de ser temidos pela repressão a serviço do *status quo*, também o são pela esquerda tradicional<sup>4</sup> (TRAGTENBERG, 1986). Não à toa, a aposta na burocratização por essas duas vias

---

<sup>3</sup> Giorgio Agamben (2015), faz referência a Jean-Claude Milner, que define o progressismo como o princípio em nome do qual se cumpriu o processo de *transigir*. Segundo Agamben (2015, p. 124, grifo no original): “A revolução tinha que transigir com o capital e com o poder [...]. Desse modo, foi tomando forma, aos poucos, o mote que guiou a estratégia do progressismo em sua marcha rumo ao poder: *é necessário ceder a tudo*, reconciliar cada coisa com seu oposto, a inteligência com a televisão e a publicidade, a classe operária com o capital, [...] o meio ambiente com o desenvolvimento industrial, a democracia com a máquina eleitoral”. Vemos, hoje, conclui Agamben, “a que levou essa estratégia. Em todos os âmbitos, a esquerda colaborou ativamente para que fossem predispostos os instrumentos e os acordos que a direita no poder não terá senão que aplicar e desenvolver para obter sem esforço seus objetivos” (p. 124).

<sup>4</sup> É importante destacar que a menção à “esquerda tradicional” é uma denominação utilizada por Tragtenberg, não por Kropotkin. A corrente libertária, em geral, é contra a via partidária, por isso a questão posta por Kropotkin não diz respeito à esquerda ou ao partido A ou B, mas às organizações de base, baseadas na livre-iniciativa, no livre-acordo e no apoio mútuo.

representa uma forma de manipulação da informação e de manobra das organizações de base. Isso tudo mostra que só a efetiva participação e a construção do comum acordo podem transpor as barreiras e fronteiras construídas pelas instituições. À medida que o protagonismo, a federação e o comum acordo, com ampla capacidade organizativa por meio de associações de base (somadas a valores superiores como o apoio mútuo e a solidariedade), expandem-se, as estruturas do autoritarismo começam a desmoronar porque assentam-se, sobretudo, na inércia, na obediência e na manipulação.

No lugar do domínio e do oportunismo, florescem a autonomia, o amplo acordo e o protagonismo. No lugar do ódio e do nacionalismo, a generosidade, a cooperação e a clarividência. A ciência, depois de desprendida das amarras das instituições autoritárias, terá um papel fundamental nesse caminho. Por isso ela também é uma luta (FERRETTI, 2018). Mas não poderá faltar audácia e iniciativa. Ousar pensar, participar, propor, discordar, assimilar, produzir acordos e princípios, serão artifícios fundamentais não só para enfrentar realidades que reverberam em motins como o de Pacaraima, mas para trilhar o devir e o que mais temem os autoritários: a liberdade.

### **Para não terminar: reiterando as lições**

A melhor resposta à truculência e ao ódio é aquela que floresce do gênio criativo. A melhor resposta encontra-se em ações de diferentes escalas que iluminam a liberdade e a construção da autonomia. Liberdade baseada na livre-iniciativa, no livre-acordo, na espontaneidade, no apoio mútuo, na construção coletiva de princípios e na efetiva participação. Está aí a essência da política para Kropotkin. Liberdade para voar no sentido metafórico e alcançar o ângulo onde a vida e o futuro tornam-se possíveis.

Os embrutecidos germinam ódio e humilham os vulneráveis. Os sábios organizam-se, cooperam, procuram o caminho do discernimento, lutam. É por meio da ousadia alimentada pelo sentimento de solidariedade, ensina Kropotkin (2009, 2011), que a sociedade poderá marchar para a conquista do futuro. Solidariedade, para ele, é um poder imenso que centuplica a energia e as forças criadoras do homem. É o motor que põe em movimento a atividade libertária porque, no lugar do individualismo autoritário, constrói o princípio da cooperação e da ajuda mútua.

Se, por um lado, o militarismo adentra as escolas e o processo formativo como um todo – contaminando as relações cotidianas –, ensinamentos como os de Kropotkin são valiosos para a construção de antídotos. No texto em que ele tece considerações sobre a Geografia, suas proposições são eloquentes e servem como princípios a todos os campos do saber. Diz

Kropotkin que, por meio da Geografia, devemos aprender, desde cedo, “que todos somos irmãos, independentemente da nossa nacionalidade”. Em uma época como a nossa, de guerras, sentimentos nacionalistas e ódio habilmente alimentado por gente que persegue seus próprios interesses de classe, “a geografia deve ser – na medida em que a escola possa fazer algo para contrabalançar as influências hostis – um meio para dissipar esses preconceitos e para criar outros sentimentos mais dignos da humanidade (KROPOTKIN, 2014, p. 38).

Somente pequenas frações de cada nação estão realmente interessadas em manter o ódio e as rivalidades nacionais, destaca o geógrafo. É tarefa da educação evidenciar que, além de outras causas que nutrem tais rivalidades, as diferentes nações não se conhecem suficientemente bem. É por isso que certas perguntas sobre o país do outro, observa Kropotkin, carregam absurdos preconceituosos e revelam uma falha programada na formação de crianças e adultos.

Por isso, é dever da Geografia (e aqui acrescentamos, novamente, outros campos do saber) ensinar às crianças que “as pequenas diferenças de características nacionais, que aparecem especialmente entre as classes médias, tendem a ocultar a imensa semelhança que existe entre as classes trabalhadoras de todas as nacionalidades” (KROPOTKIN, 2014, p. 39). Conclui ser essencial reforçar em suas mentes o respeito aos diferentes povos em sua cultura e diversidade e o fato de que todas as nacionalidades são valiosas umas para as outras.

O paradigma da competição há muito tempo escancara o tipo de sociedade que ele gera e para onde esta caminha. Ao contrário do que os meios de comunicação apregoam, a competição não conduz à evolução, mas sim à destruição. O ódio arrefece as relações e deságua em guerras de todas as escalas. Todavia, por mais que as lutas sociais e a esquerda tradicional tendam à burocratização e à perda de suas finalidades iniciais, como reitera Tragtenberg (1986), haverá alguém – a base, a classe trabalhadora – que reagirá a isso criando suas entidades igualitárias e novas relações antagônicas à militarização, ao embrutecimento e ao autoritarismo.

Quando o protagonismo se multiplica, germinando o gênio criativo, aos poucos o sentido da liderança e do vanguardismo vai dando lugar à participação direta. É por isso que os líderes ou autoritários tendem a subestimar a capacidade inventiva das massas ou temem a inteligência e auto-organização de milhões de trabalhadores. Só o rearranjo das bases, tendo a força de uma ousadia alimentada pela solidariedade, pode organizar essa inteligência coletiva na direção de um futuro possível.

Isso requer, obviamente, uma ampla revisão do que se chama atualmente de campo progressista, que deve se voltar para as bases – partir das bases. Ir à periferia ou participar de

movimentos, não para impor ou ensinar, mas para escutar, aprender, somar. Que seja para discordar, mas pela via da proximidade e do livre-acordo.

É por isso que a crítica também deve ser direcionada aos partidos de esquerda. Se a complexa crise político-econômica da Venezuela também resulta de uma indiscutível ação imperialista viabilizada pelas classes dominantes locais, não se pode fechar os olhos ao autoritarismo que ali se instalou e que também não deixou de flertar com essa mesma classe. O mesmo vale para outros países, como a Bolívia, onde o governo de Evo Morales interveio e desarticulou diversas organizações indígenas, distanciando o campo popular organizado ao mesmo tempo que fez sólidas alianças com elites de Santa Cruz, como lembra Zibechi (2019).

A descentralização nunca foi tão necessária. Nas recentes mobilizações em cidades latino-americanas, as organizações de base têm mostrado uma força indiscutível. Por mais que o oportunismo partidário insista em empunhar bandeiras em busca de cargos e movidos pela ânsia de poder, as associações e assembleias territoriais, conforme observam Graeber (2015), Souza (2015) e Rubio (2019), mostram seu vigor ao pautar as demandas e inquietudes da população com ampla participação desde uma escala mais local, seja do bairro, da comunidade, de diferentes territórios etc. A mesmice e o anacronismo das manifestações dos partidos já não convencem porque seu jogo foi contaminado pelo poder.

Não à toa, as grandes resistências não têm sido organizadas por partidos ou por sindicatos institucionalizados, mas despertadas de maneira espontânea nas periferias de grandes cidades, nas áreas de fronteira agrícola onde há comunidades tradicionais e territórios auto-organizados, como na Amazônia, e a partir de minorias ancoradas na livre-iniciativa. É contra o 1%, contra a pequena porcentagem de grupos corporativos, contra as classes dominantes, que a luta deve ser direcionada.

Realizar essa crítica à esquerda tradicional, a despeito da devolutiva muitas vezes ingrata e desequilibrada, é bastante necessária porque, ao negociar e beneficiar os grupos que aprofundam a espoliação (em vez de combatê-la), ao distanciar-se das bases e desarticular suas organizações espontâneas, essa esquerda está cavando sua própria cova.

Os prelúdios estão aí. Como diz Kropotkin (2000, p. 94), caso o caminho continue sendo pautado pela sina de um “Estado que esmaga a vida individual e local, que apodera-se de todos os domínios da atividade humana, provocando ódios e guerras”; caso continue sendo pautado por nacionalismos e por revoluções superficiais que não servem senão para mudar de tiranos, seremos inevitavelmente conduzidos à destruição. Por outro lado, conclui Kropotkin (p. 94), “os Estados feitos em pedaços, e uma nova vida recomeçando em milhares e milhares de centros, baseada no princípio da livre iniciativa e norteada pela doutrina do livre entendimento”, podem iluminar uma vida nova.

Nesse caminho, o protagonismo é um exercício político fundamental da liberdade quando nutre-se de espontaneidade, de livre-acordo e de apoio mútuo. Essa prática fundamenta a ação e ajuda a desarticular os mecanismos de opressão. Ser livre, portanto, também significa agir e reconhecer na liberdade do outro a composição de força, de resistência e de devir.

---

### **Between hate and freedom: lessons from Kropotkin**

**Abstract:** The historical construction of hate, especially in modern societies, has a strong relationship with the strategies of domination and diffusion of several nationalisms. These, in its turn, have been constituted as an important means of social manipulation and of sustaining the political, economic and cultural interests of the modern States. In view of this, it is necessary to verify the extent to which the cult of hate fed by nationalism reaches social relations and put injures against migrants, refugees, places and cultures, as well as to investigate what are the major sources of oppression, how they are plotted and to where they conduct us. It is also necessary to verify whether it is possible to build practices that help to dismantle control and manipulation strategies. This text analyzes these issues in the light of the thought of Piotr Kropotkin, an important Russian geographer, and anarcho-communist, who warned a lot about the risks of nationalism and saw, in free enterprise and solidarity, important means to overcome relationships based on the insignia of hate and authoritarianism. His teachings, although written in the late 19th and early 20th centuries, are very contemporary and necessary. They show that freedom is a political exercise of protagonism, responsibility, and otherness - a practice that underlies action and helps to disarm the plots of tyranny. Being free, therefore, also means acting and recognizing in the other's freedom and in the free agreement the composition of strength, resistance, and becoming.

**Keywords:** Nationalism. Hate culture. Free Initiative. Freedom.

### **Entre el odio y la libertad: lecciones de Kropotkin**

**Resumen:** La construcción histórica del odio, especialmente en las sociedades modernas, tiene una fuerte relación con las estrategias de dominación y de difusión de los nacionalismos. Estos, a su vez, se han constituido como medios importantes de manipulación social y de naturalización de los intereses políticos, económicos y culturales de los Estados modernos. En vista de esto, es necesario verificar hasta qué punto el culto al odio fomentado por el nacionalismo afecta las relaciones sociales y genera agresiones a los migrantes, refugiados, lugares y culturas, así como investigar cuáles son las principales fuentes de opresión, cómo se articulan y a donde nos llevan. Además, es necesario verificar si es posible construir prácticas que ayuden a desmantelar las estrategias de control y manipulación. Este texto analiza estos temas a la luz del pensamiento de Piotr Kropotkin, un importante geógrafo y anarcocomunista ruso, que advirtió sobre los riesgos del nacionalismo y vio, en el apoyo mutuo y en la solidaridad, medios importantes para superar las relaciones basadas en el odio y en el autoritarismo. Sus enseñanzas, aunque escritas a finales del siglo XIX y principios del XX, resultan muy actuales y necesarias. Muestran que la libertad es un ejercicio político de protagonismo, responsabilidad y alteridad - una práctica que subyace a la acción y ayuda a desarmar los complots de la tiranía. Ser libre, por lo tanto, también significa actuar y reconocer en la libertad del otro y en el libre acuerdo la composición de la fuerza, de la resistencia y del devenir.

**Palabras clave:** Nacionalismo. Cultura del odio. Libre iniciativa. Libertad.

---

## Referências

AGANBEM, Giorgio. **Meios sem fim: notas sobre a política**. Tradução de Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CARNEIRO, Júlia D. **Moradores fazem “carreata da Paz” em Pacaraima, mas tensão entre brasileiros e venezuelanos continua**. *BBC News Brasil*, 21 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45245475>>. Acesso em: 5 dez. 2019.

CASTILHO, Denis. **Modernização territorial e redes técnicas em Goiás**. 2. ed. Goiânia: Ed. UFG, 2017.

CASTILHO, Denis. Escola Sem Partido: do controle à espoliação. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 39, p. 1-24, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/bgg/article/view/58099>>. Acesso: 20 dez. 2019.

CIRQUEIRA, José Vandério. **Geografias subterrâneas: para ensinar uma prática geográfica nas trincheiras da anarquia**. Ponta Grossa, PR: Deriva: Monstros dos Mares, 2018.

COSTA, Emily. Ocupações crescem e mais de 1,3 mil venezuelanos vivem em prédios abandonados em Roraima. *G1 Roraima*, Boa Vista, 28 jun. 2019. Disponível em: <<https://glo.bo/35tfsKS>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

ECONOMATICA. **Lucro consolidado dos 4 maiores bancos brasileiros atinge seu maior valor**. 2019. Disponível em: <<https://insight.economatiga.com/lucro-consolidado-dos-quatro-maiores-bancos-brasileiros>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

FERRETTI, Federico. Evolução e revolução: os geógrafos anarquistas Élisée Reclus e Pëtr Kropotkin e sua relação com a ciência moderna, séculos XIX e XX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, abr./jun. 2018.

EDUARDO GALEANO y **las guerras**. 2017. [2m38s]. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=2IXWb\\_5QvXg](https://www.youtube.com/watch?v=2IXWb_5QvXg)>. Acesso em: 8 jan. 2020.

GRAEBER, David. **Um projeto de democracia**. Tradução de Ana Beatriz Teixeira. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. Tradução de Vidal de Oliveira e Lino Vallandro. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1979.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação com data de referência em 1º de julho de 2019**. Brasília, DF, 2019a.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Renda do trabalho do 1% mais rico é 34 vezes maior que da metade mais pobre. *Agência IBGE Notícias*, 16 ago. 2019b. Disponível em: <<https://bit.ly/2t1Scq9>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo da Educação Básica 2018**. Brasília, DF, 2019.

KROPOTKIN, Piotr. **Campos, fábricas y talleres**. Traducción de A. Lopes White. Valencia: F. Sempere y Compañía Editores, 1910.

KROPOTKIN, Piotr. **O Estado e seu papel histórico**. Tradução de Alfredo Guerra. São Paulo: Imaginário, 2000.

KROPOTKIN, Piotr. **A anarquia: sua filosofia**, seu ideal. Revisão de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário, 2001.

KROPOTKIN, Piotr. **Memorias de un revolucionario**. Traducción de Pablo Fernández Castañón-Uría. Oviedo: KRK Ediciones, 2005.

KROPOTKIN, Piotr. **Ajuda mútua: um fator de evolução**. Tradução de Waldyr Azevedo Jr. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009.

KROPOTKIN, Piotr. **A conquista do pão**. Tradução de Cesar Falcão. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

KROPOTKIN, Piotr. O que a geografia deveria ser. In: RECLUS, Élisée; KROPOTKIN, Piotr. **Escritos sobre educação e geografia**. Tradução de Rodrigo Rosa da Silva, Guilherme Amaral e Adriano Skoda. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2014.

LLOBERA, Josep. **O deus da modernidade: o desenvolvimento do nacionalismo na Europa Ocidental**. Tradução de Vítor Ferreira. Oeiras: Celta, 2000.

MORADORES de Pacaraima cobram segurança na fronteira com a Venezuela em manifestação. **G1 Roraima**, Boa Vista, 17 ago. 2019. Disponível em: <<https://glo.bo/2QquAEr>>. Acesso em: 5 dez. 2019.

PAULA, Amir El Hakim. **Geografia e anarquismo: a importância do pensamento de Piotr Kropotkin para a Ciência**. São Paulo: Ed. Unesp, 2019.

RUBIO, Ignacio R. Chile: la idea de libertad en un gobierno represivo y la respuesta territorial. **Territorial** – Caderno Eletrônico de Textos, v. 9, n. 11, 13 nov. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/30ZxpQp>>. Acesso em: 5 jan. 2020.

SOUZA, Marcelo L. **Dos espaços de controle aos territórios dissidentes: escritos de divulgação científica e análise política**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

SOUZA, Marcelo L. Piotr Kropotkin e “o que a geografia deve ser”. In: \_\_\_\_\_. **Por uma geografia libertária**. Rio de Janeiro: Consequência, 2017. p. 145-181.

TRAGTENBERG, Maurício. **Reflexões sobre o socialismo**. São Paulo: Moderna, 1986.

UNICEF BRASIL. Crise migratória venezuelana no Brasil. [2019]. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil>>. (Acesso: 10 dez. 2019).

WETERMAN, Daniel. Prefeito de Pacaraima vai pedir mais recursos para atender Venezuelanos. **Estadão Conteúdo**, São Paulo, 6 maio 2019.

ZIBECHI, Raúl. **As consequências da crise da esquerda na América Latina.** Entrevistadora: Patrícia Fachin. São Leopoldo, RS: Instituto Humanistas Unisinos, 21 nov. 2019.

---

#### **Sobre o autor**

**Denis Castilho** - Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Goiás, com estágio doutoral na Universidad de Barcelona. Atualmente é professor dos cursos de Graduação e Pós-Graduação do Instituto de Estudos Socioambientais da UFG.

---

Recebido para avaliação em dezembro de 2019

Aceito para publicação em janeiro de 2020